

14º Seminário Nacional Sociologia & Política

Saberes em Confluência

GT 7 - Sociologia da Saúde, da Morte e das Sensibilidades

A morte como objeto de conhecimento das Ciências Humanas no Brasil

Isadora Ferronato Galeski¹

Ilana Sprada Piala²

RESUMO

As práticas e as representações da morte são diversas e se alteram conforme o período histórico e grupos sociais nos quais foram construídas, sendo associadas a outros fenômenos sócio-histórico-culturais. A compreensão do fenômeno que compõe a morte requer pesquisa periódica, com o intuito de acompanhar tais transformações sociais e a construção de conhecimento em áreas variadas. Nesse sentido, este trabalho analisa a produção recente das Ciências Humanas sobre a morte no Brasil, a fim de delinear as características gerais, as lacunas mais visíveis e as referências centrais dessa produção. Metodologicamente, realiza-se uma revisão bibliográfica voltada para abordagens socioantropológicas, entendendo a morte como construção sócio-cultural. Em seguida, produz-se um estudo de caráter bibliométrico, descritivo e explicativo com base em artigos publicados entre 2019 e 2024, disponíveis na base de dados SciELO (Scientific Electronic Library Online), no âmbito das Ciências Humanas e que apresentem, nos descritores, os termos relativos a morte, rituais fúnebres ou luto. O levantamento resulta em um banco de dados referente a 183 artigos científicos, produzidos por 534 autorias e publicados em 50 periódicos. Observa-se concentração de publicações em revistas da área de Psicologia e de Ciências da Saúde, especialmente de instituições localizadas em São Paulo, Rio de Janeiro e Brasília. A análise dos conteúdos, por

¹ Graduanda em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Paraná. Bolsista de Iniciação Científica (CNPq). isa.ferronato17@gmail.com

² Titulação, atuação profissional (se houver), agência financiadora (se houver) e e-mail.

meio dos títulos e das palavras-chave, indica uma centralidade de contribuições da área da saúde, enquanto palavras associadas ao campo das Humanidades são secundárias. Já os referenciais compartilhados por tais trabalhos embarcam literaturas diversificadas, contando com bases teóricas das Ciências Humanas. Por um lado, esta pesquisa bibliométrica utiliza-se de ferramentas estatísticas e matemáticas como estratégia de investigação crítica e reflexiva na área das Humanidades; por outro, aponta novas questões para elaboração teórica nas Ciências Sociais a partir das lacunas identificadas na produção intelectual em nível nacional.

INTRODUÇÃO

Em razão da consciência da própria finitude, a morte se apresentou como um problema para os vivos e possibilitou diversas representações ao longo da história da humanidade. Em várias épocas, as coletividades elaboraram e significaram as atitudes diante da morte como parte da vida comunitária e, conseqüentemente, estabeleceram concepções entrelaçadas de vida e de morte. Por uma perspectiva, em conformidade com as distintas maneiras de lidar com a morte, foram definidas as especificidades e as fronteiras de cada sociedade. Por outra, transformações históricas e sociais impactaram tais interpretações e práticas funerárias, entendidas como provisórias, dinâmicas e particulares na qualidade de problemática sócio-histórica (Elias, 2001; Minayo, 2016).

Na medida em que selecionaram uma parcela da realidade e criaram conceitos, métodos e técnicas para investigar cientificamente a experiência humana, as disciplinas compreendidas na grande área das Humanidades tiveram na morte uma questão de investigação. Em frente das mudanças das sociedades e o desenvolvimento das construções intelectuais, o universo da morte foi entendido como um objeto de conhecimento a ser periodicamente estudado na pluralidade de enfoques teóricos e elementos empíricos engendrados (Minayo, 2016).

Por esses motivos, este trabalho enquadrou-se como uma revisão de literatura com abordagem bibliométrica e foi voltado para a identificação, descrição e avaliação da produção de conhecimento científico sobre a morte no campo das Ciências Humanas, no período de 2019 a 2024, em nível nacional. Sendo assim, visamos compreender a morte enquanto construção social e histórica, apresentar as características gerais, apontar as lacunas e identificar autores e obras centrais nas Humanidades acerca da morte e do morrer; assim como, em notas metodológicas, levantar e criar em um banco de dados com tais publicações, disponibilizadas em base de dados online. Ademais, esta pesquisa foi justificada por mapear e

analisar criticamente a literatura científica e, dessa maneira, embasar e orientar análises posteriores.

REVISÃO DE LITERATURA

Como colocado por Elias (2001), a morte é uma preocupação dos vivos, especialmente dos humanos que podem vê-la, contemplá-la, formulá-la de forma a tomar precauções quanto a sua chegada, seja de forma individual ou grupal. Sendo a morte um problema humano, é também um problema social, e nessa breve revisão de literatura tentaremos evidenciar uma pequena parte dessa questão sócio-histórica-cultural.

Ariès (2012) evidenciou a partir da noção de morte domada como foi o lidar com a morte no ocidente durante a Idade Média. Para ele, a morte foi domada pois as pessoas a reconheciam, a aceitavam e lidavam com ela a partir de posturas tradicionais que envolviam o contato com o moribundo, que tinha seu leito, seu quarto, tomado como espaço de livre acesso, para que todos viessem pedir o seu perdão, para que a todos pedisse perdão e para que todos se exculpassem dos pesares mundanos. Foi também nesse espaço que o padre rezava a última missa, concedendo assim mais uma parte do perdão católico. Tal lidar com o moribundo e com a iminente presença da morte por toda a comunidade é o que vigora no conceito de morte domada, a aceitação da morte e de sua presença foi mais patente do que o medo da morte e sua negação no lidar com a morte contemporânea.

A partir do século XIX, a morte passou a ser encarada de forma mais individualizada e dramática, focando o julgamento do indivíduo e suas ações em vida, enquanto o momento da morte tornou-se um evento privado. A concepção de vida e morte foi influenciada pelas sensibilidades familiares, resultando novos rituais de luto, tal qual práticas como a utilização de roupas pretas para externar publicamente o pesar de familiares pela perda, personalização das sepulturas e uma maior consciência da finitude humana (Ariès, 2012).

Essas mudanças ocorreram num contexto de transformações sociais, como a formação dos Estado-nações, que centralizaram práticas de controle social e médico, moldando as noções de doença, normalidade, a gestão e o valor dos corpos dentro do capitalismo, que com o avanço da biomedicina, aperfeiçoou técnicas e concentrou a gestão da morte e do morrer nas mãos de profissionais e instituições (Elias, 2001; Foucault, 1984).

De modo paralelo, a industrialização, urbanização e o êxodo rural provocaram rupturas nos rituais tradicionais de morrer, preponderando nos territórios cuja esses processos se estabeleciam com mais rapidez, como Estados Unidos, na Inglaterra, Países Baixos e

Europa continental. Isso levou a novos modos de viver e morrer adaptados às mudanças políticas, econômicas e sociais, mais aceleradas que as anteriores (Ariès, 2012; Martins, 1983).

De acordo com Elias (2001), a criação das instituições estatais e médicas provocou repercussões para os indivíduos, entre elas surgiram a segurança significativa contra ameaças à integridade física e a prevenção e tratamento de doenças. Na atualidade o consequente aumento da expectativa e da previsibilidade da vida foram compatíveis com um grau elevado de autocontrole, de tal maneira que a morte foi transformada em uma ocorrência mais facilmente retirada da vida coletiva, negada na medida em que as novas subjetividades atreladas ao controle, ao sumiço da morte no cotidiano, às fantasias individuais de autonomia, controle das paixões e dos sentimentos não harmonizavam com a potencialidade destrutiva da morte e da perda.

Nesse processo de controle da vida, que foi artificialmente e tecnicamente prolongada, a morte foi deslocada para os hospitais e decidida em sua hora e maneira pela equipe médica. No espaço hospitalar, os moribundos e as famílias deixaram de ser figuras centrais na cerimônia da morte, na maior parte das vezes já inconscientes ou exaustos quando a morte foi consumada. Para os profissionais de saúde, qualificados para lidar com a morte enquanto uma questão técnica e científica medicalizada, a finitude humana foi percebida tanto como o rompimento de vínculo para o qual não se sentiram preparados, em alinhamento com uma formação mais humanista; quanto como um fracasso em nível profissional quando a finalidade da prática foi a luta contra a mortalidade, de acordo com uma formação organicista (Martins, 1983; Menezes, 2004; Veras; Soares, 2016).

Por outro lado, as ritualísticas funerárias foram esvaziadas da carga dramática e das funcionalidades de outrora, quando eram consideradas necessárias num período de adaptação após a desordem provocada pela morte, voltadas para a permanência dos laços individuais e comunitários. Embora conservados em aparência, os velórios, cortejos e enterros foram suprimidos e acelerados ao passo que os mortos foram entendidos como poluidores e objetos de discursos e práticas sanitárias e higienistas. Para além do caso dos rituais funerários, o ritmo rápido dos centros urbanos teve efeitos gerais nas sociabilidades, promoveu relações mais individualistas como a norma social e tornou o sujeito mais reservado quanto às próprias emoções e mais incomodado com a expressão dos sentimentos dos outros, consequentemente provocando expressões de luto cada vez menos coletivizadas (Koury, 2014; Menezes; Gomes, 2011).

Uma vez que a manifestação pública da dor da perda foi compreendida como uma perturbação à vida comum, as vestes negras entraram em desuso; as regras relacionais no lidar com as pessoas enlutadas tornaram-se inadequadas, lembranças de sociedades incultas; e as relações de sociabilidade, antes impostas para a reintegração social após a morte, foram cessadas para que o controle emocional não seja ameaçado e que a tentativa de aproximação não seja vista como invasiva nessa esfera de pudor (Elias, 2001; Hoffmann-Horochovski, 2013; Koury, 2014).

As práticas funerárias tradicionais também foram abarcadas pelo mercado e transformadas em produtos e serviços lucrativos, nos quais os profissionais no tratamento com os sobreviventes tiveram a meta de promover o retorno para a vida normal do modo mais rápido possível, como no caso de agentes funerários e terapeutas para o luto. A morte passou a ser colocada em discurso apenas enquanto esfera da vida social e individual passível de gerar conhecimentos técnicos e científicos, mercadorias e serviços. Por conta desses processos mercadológicos, na atualidade, a morte não foi tratada como experiência de sofrimento, impotência e deterioração física, mas foi negada em tais características e mascarada com a aparência da vida eterna (Hoffmann-Horochovski, 2013; Koury, 2014; Martins, 1983; Veras; Soares, 2016).

MATERIAIS E MÉTODOS

Parte da metodologia empregada foi uma revisão de literatura narrativa, vista como uma etapa fundamental de qualquer pesquisa na medida em que possibilita a relação reflexiva com as pesquisas que abordaram a temática anteriormente e, dessa maneira, viabiliza explorar novas questões com base nas lacunas identificadas na produção do conhecimento. Para compreender a morte enquanto construção social, foram selecionadas obras e autores basilares na área das Ciências Humanas que destacaram a historicidade das crenças e das atitudes diante da morte nas sociedades ocidentais e naquelas que adquiriram sensibilidades ocidentalizadas (Grant; Booth, 2009; Minayo; Deslandes; Gomes, 2016).

Com implicações similares, a revisão de literatura com abordagem bibliométrica possibilita identificar, caracterizar e analisar a produção intelectual associada a determinadas épocas, localidades, autorias, instituições ou revistas científicas, avaliando as atuações dessas; ou ainda de certas disciplinas, teorias ou temáticas, revelando a estrutura e a dinâmica das pesquisas. Para tanto, são utilizadas ferramentas matemáticas e estatísticas de maneira sistemática e transparente aos metadados bibliográficos de bases de dados (Grant, Booth,

2009; Paul; Criado, 2020). Aqui, foram seguidas as etapas metodológicas para o mapeamento do conhecimento científico, como descritas por Zupic e Cater (2015).

Primeiramente, no tocante ao desenho desta pesquisa bibliométrica, elegemos como questão norteadora “como está organizada a literatura científica nacional contemporânea sobre a morte na área das Ciências Humanas?”. A fim de realizar uma exploração inicial dessa produção do conhecimento, objetivamos apresentar as características gerais, apontar as lacunas mais visíveis e identificar referenciais-chave para tal vertente de pesquisa. Sendo assim, selecionamos a base de dados SciELO (*Scientific Eletronic Library Online*), tendo em conta que tal base engloba revistas científicas legitimadas em nível nacional e permite o acesso livre a parte significativa da produção de qualidade e relevância científica.

Na busca inicial, consideramos a presença e a combinação de termos referentes à morte, práticas e representações fúnebres ou funerárias e o luto nas palavras-chave das pesquisas. Essa seleção foi complementada pelo uso do operador booleano OR, indicativo do modo pelo qual o sistema de busca foi orientado a combinar os termos pesquisados; bem como os caracteres genéricos \$ e *, respectivamente correspondentes a zero ou um caractere e a qualquer grupo de caracteres. Dessa maneira, chegamos à expressão de busca (string): “(kw:(mort*)) OR (kw:(fúnebre\$)) OR (kw:(funer*)) OR (kw:(luto\$))” e obtivemos, quando realizada em abril, 13.505 documentos.

Posteriormente, selecionamos somente os textos encontrados na coleção do Brasil (n: 5.675), publicados em português (n: 3.883), dentre o intervalo de 2019 a 2024 (n: 1.256), na área temática das Ciências Humanas (n: 191) e classificados como artigos científicos (n: 186) no SciELO. Nesta base de dados, as revistas científicas podem apontar mais de uma área temática, de maneira que o recorte abarcou artigos associados a outros campos do conhecimento. Com o software de livre acesso Zotero, os metadados exportados no formato Research Information Systems Documents (.ris) foram processados para remover arquivos duplicados e verificar adequação aos critérios de inclusão já indicados. Adicionalmente, foram retirados dois artigos com base nas palavras-chave e um outro em razão da língua, resultando em corpus de análise final de 183 artigos.

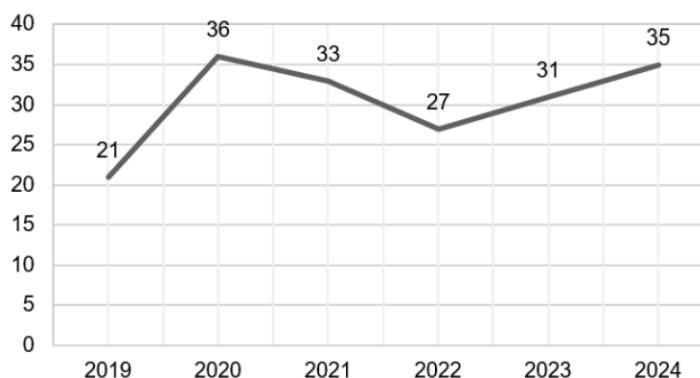
Para a análise da produção acadêmica propriamente dita, realizamos a marcação em uma planilha do Excel dos atributos, ou seja, dos anos de publicação, das revistas científicas e das respectivas vinculações institucionais e geográficas, das autorias e das respectivas filiações institucionais; bem como dos conteúdos, sendo os títulos, resumos, descritores e os

referenciais. Entendemos que tais dados bibliográficos forneceram um panorama geral dos artigos selecionados e, sendo assim, integraram a construção de um banco de dados próprio.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para entender as linhas contemporâneas da produção acadêmica acerca da morte, as 183 publicações selecionadas foram contextualizadas na sua extensão temporal de seis anos, como apresentada no GRÁFICO 1. Mesmo que sem uniformidade, foi observada uma tendência ascendente no intervalo de 2019 a 2024, que teve o ponto mais alto no número de artigos (36) no ano de 2020 e o mais baixo (21) logo no ano anterior.

GRÁFICO 1 - PUBLICAÇÕES POR ANO



FONTE: As autoras (2026).

Diante do aumento da quantidade de publicações após a pandemia de COVID-19 no período de cobertura, consideramos que os números crescentes de óbitos por conta do coronavírus levaram a temática da morte para o centro da vida social e demonstraram as relações desta com outras questões já tratadas nas Humanidades, como no caso das taxas de mortalidade desiguais conforme os marcadores sociais da diferença. De acordo com tal lógica, ainda que abordada em paralelo com outras problemáticas, a conjuntura pandêmica suscitou a produção de conhecimento sobre a morte.

As revistas científicas responsáveis pelas publicações perfizeram cinquenta, o que interpretamos como uma parcela significativa disposta a veicular informações sobre a morte. Detalhadamente, dentre aquelas que concentraram mais artigos (TABELA 1), destacaram-se a Revista Bioética (28 artigos), do Conselho Federal de Medicina, localizada em Brasília; a Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia (14), da Universidade do Estado do Rio de

Janeiro, relativa à capital fluminense; e a revista *Psicologia: Ciência e Profissão* (14), do Conselho Federal de Psicologia, também situada em Brasília.

TABELA 1 - DISTRIBUIÇÃO DE PUBLICAÇÕES POR REVISTA CIENTÍFICA

Revista científica	Área	Instituição	N. de publicações	Local de publicação	Região
Revista Bioética	CS	CRM	28	Brasília (DF)	CO
Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia	CS	UERJ	14	Rio de Janeiro (RJ)	SE
Psicologia: Ciência e Profissão	CH	CFP	14	Brasília (DF)	CO
Revista Brasileira de Educação Médica	CS	ABEM	11	Brasília (DF)	CO
Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental	CH	AUPPF	7	São Paulo (SP)	SE
Psicologia USP	CH	USP	7	São Paulo (SP)	SE
História (São Paulo)	CH	UNESP	6	Assis (SP)	SE
Physis: Revista de Saúde Coletiva	CS	UERJ	5	Rio de Janeiro (RJ)	SE
Psicologia em Estudo	CH	UEM	5	Maringá (PR)	S
Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica	CH	UFRJ	5	Rio de Janeiro (RJ)	SE
Mana	CH	UFRJ	5	Rio de Janeiro (RJ)	SE

FONTE: As autoras (2026).

Quanto à área temática primária indicada no SciELO, 39 (78%) desses periódicos foram enquadrados nas Ciências Humanas (CH), 9 (18%) nas Ciências da Saúde (CS) e 2 (4%) nas Ciências Sociais Aplicadas (CSA). Em relação aos artigos, 106 (57,92%) desses remeteram às revistas das Humanidades, com média de 2,72 artigos por periódico; 73 (39,89%) foram por parte de revistas da área da Saúde, com média correspondente de 8,12 artigos por periódico; e 4 (2,18%) restantes foram abarcados por revistas do campo de Sociais Aplicadas, com média de 2 artigos por periódico.

A maioria observada na dimensão das revistas já foi esperada em razão do recorte, mas considerando a quantidade de publicações por área temática, uma parcela significativa foi

de responsabilidade daquelas vinculadas às Ciências da Saúde. Enquanto constatamos a maior concentração de artigos por periódicos nesse campo, as Ciências Humanas apresentaram em geral uma produção dispersa entre as revistas científicas, com exceção daquelas associadas à Psicologia. Ainda, consideramos que o corpus da análise seria mais volumoso se incluísse as publicações da área da Saúde integralmente, o que foge ao escopo deste trabalho.

Ademais, tais revistas foram vinculadas a 32 instituições, localizadas em 19 cidades distribuídas por todas as regiões brasileiras, das quais destacaram-se a Universidade de São Paulo (6 revistas), a Universidade Federal do Rio de Janeiro (5), a Universidade Estadual do Rio de Janeiro (3), a Universidade Estadual de São Paulo (3) e a Universidade de Brasília (3). No que concerne à vinculação regional, 34 (68%) revistas foram localizadas na região Sudeste, seguidas de 8 (16%) no Sul, 6 (12%) no Centro-Oeste e 1 (2%) tanto no Norte como no Nordeste. Para as produções intelectuais, isso implicou que 100 (54,64%) publicações foram da região Sudeste, 58 (31,69%) do Centro-Oeste, 19 (10,38%) do Sul, 4 (2,18%) do Nordeste e 2 (1,09%) do Norte.

Em contraponto à dispersão em nível institucional, vista na média de 1,56 revistas científicas por instituição, tanto os periódicos como os artigos foram concentrados principalmente no Sudeste do país, tendo como expoentes as cidades de São Paulo, Rio de Janeiro e adicionalmente Brasília no caso das publicações. As contribuições do Norte e Nordeste foram diminutas, sendo possível que as produções acadêmicas dessas regiões não acederam ao SciELO por várias razões.

Os 183 artigos foram assinados por 534 autorias, tendo em conta que 54 (29,51%) desses foram elaborados por um autor, 45 (24,59%) por dois autores, 27 (14,75%) por três autores e 57 (31,15%) por quatro autores ou mais. O máximo verificado foi de 11 autores, no caso de um artigo a respeito do luto no contexto da pandemia de COVID-19, veiculado na Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental. Isso indicou que a coautoria foi constante na produção de conhecimento acerca da morte, quadro que pode ser pensado em relação à tendência crescente da escrita colaborativa nas Humanidades e à prática já consolidada nas Ciências da Saúde.

As 534 autorias foram afiliadas a 135 instituições, com média correspondente de 3,95 autorias por instituição, das quais as mais relevantes foram indicadas na TABELA 2. Em referência à dimensão institucional, 42 (31,11%) das instituições foram localizadas na região Sudeste, 27 (20%) na região Sul, 24 (17,78%) na região Nordeste e 8 (5,93%) em ambas as regiões Norte e Centro-Oeste do Brasil. Internacionalmente, foram registradas 26 (19,26%)

instituições e 13 países, com destaque a Espanha (4 instituições), Estados Unidos (4), Chile (3) e Portugal (3).

TABELA 2 - DISTRIBUIÇÃO DE AUTORIAS POR INSTITUIÇÃO DE ORIGEM

Instituição	N. de autorias	Estado	Região	País
UFMS	27	RS	S	Brasil
UFRJ	25	RJ	SE	Brasil
USP	24	SP	SE	Brasil
UNICAMP	23	SP	SE	Brasil
UFSJ	21	MG	SE	Brasil
UFSC	19	SC	S	Brasil
UFRN	17	RN	NE	Brasil
UFMG	13	MG	SE	Brasil
UNIFESP	13	SP	SE	Brasil
UFAL	12	AL	NE	Brasil
UFCE	12	CE	NE	Brasil
UFRGS	11	RS	S	Brasil
UERJ	11	RJ	SE	Brasil
UFPA	10	PA	N	Brasil
FPS	10	PE	NE	Brasil

FONTE: As autoras (2026).

No tocante às autorias, 227 (42,51%) dessas foram vinculadas institucionalmente ao Sudeste do país, em particular a Universidade Federal do Rio de Janeiro (25 autorias), Universidade de São Paulo (25) e Universidade Estadual de Campinas (23). Outras 124 (23,22%) autorias foram divididas entre instituições na região Sul, inclusive aquela que apresentou o maior número de autorias, a Universidade Federal de Santa Maria (27). Além disso, 94 (17,60%) autorias remeteram ao Nordeste, 34 (6,37%) ao Norte e 21 (3,93%) ao Centro-Oeste do país; ao passo que outras organizações fora do Brasil abrangeram 34 (6,37%) autorias.

Tal quadro deve ser pensado em relação ao avanço da pós-graduação no Brasil, visto como parte de um projeto de desenvolvimento econômico, político e social conduzido a partir da segunda metade do século XX. De acordo com Cabral *et al.* (2020), a assincronia regional nesse nível de ensino foi constante ao longo da história, considerando que a concentração de programas de pós-graduação nas regiões Sul e Sudeste ainda se faz presente a despeito do crescimento no número de cursos e matrículas no período de 1987 a 2018.

Por sua vez, com o intuito de compreender as abordagens e as associações com demais questões na produção de conhecimento sobre a morte, nos voltamos para os conteúdos das publicações. Dentre as 2.255 palavras marcadas a partir dos títulos dos artigos, aquelas que obtiveram ao menos cinco menções foram representadas em uma nuvem de palavras (FIGURA 1) por meio do site *WordClouds*, depois que desconsideramos artigos, preposições, verbos de ligação e flexões de gênero e número.

FIGURA 1 - NUVEM DE PALAVRAS COM OS TÍTULOS DAS PUBLICAÇÕES



FONTE: As autoras (2026).

Os termos morte (61 menções), luto (29), mortalidade (17), COVID-19 (16), idoso (16), vida (14) e saúde (12) foram os mais proeminentes nos títulos; seguidos por estudo, pandemia, medicina e pessoa, que foram referidos dez vezes cada. Outros resultados foram: Brasil (9), morrer (9), política (8), memória (8), suicídio (8), percepção (8), perda (7), formação (7), imperador (7), história (7), perspectiva (7), brasileiro (7), estudante (7), médico (7), experiência (7), processo (6), social (6), cuidados paliativos (6), bioética (6), revisão (5), existencial (5), cuidado (5), violência (5), criança (5), relação (5), reflexão (5) e finitude (5).

Procedimentos semelhantes também foram empregados quanto aos descritores dos artigos, neste caso tendo em conta ao menos três menções entre as 802 palavras-chave, o que resultou na nuvem indicada pela FIGURA 2. Os termos mais relevantes foram morte (76), luto (43), mortalidade (20), cuidados paliativos (12), educação médica (12), bioética (10), pandemia (10); acompanhadas por COVID-19 (9), atitude frente à morte (8), idoso (7), envelhecimento (6) e psicanálise (6).

FIGURA 2 - NUVEM DE PALAVRAS COM OS DESCRITORES DAS PUBLICAÇÕES



FONTE: As autoras (2026).

As demais citações foram: doente terminal (5), eutanásia (5), morte encefálica (7), pulsão de morte (5), suicídio (5), vida (5), atitude diante da morte (4), enfermagem (4), família (4), infecção por coronavírus (4), memória (4), necropolítica (4), saúde mental (4), corpo (3), direito a morrer (3), educação de graduação em medicina (3), fragilidade (3), hermenêutica (3), melancolia (3), percepção (3), perda (3), pessoal de saúde (3), rede social (3), saúde do idoso (3), século XIX (3), tanatologia (3) e violência (3).

As palavras visualizadas em ambas as figuras nos levaram a conclusão de que, dentre as dimensões sugeridas na expressão de busca, tiveram centralidade a morte, a mortalidade e o luto. As numerosas citações da pandemia da COVID-19 indicaram a relação direta entre a conjuntura e as publicações, diante da qual reiteramos as considerações acerca da tendência crescente das produções a partir de 2020. Ainda, a presença dos cuidados paliativos foi

condizente com o aumento no número de trabalhos sobre o tema em anos recentes e indicou que foi uma via importante da literatura científica sobre a morte (Fernandes *et al.*, 2016).

Além disso, a associação da morte com palavras como saúde, educação médica, bioética, medicina, eutanásia, idoso, melancolia, pulsão de morte e psicanálise demonstraram a predominância das áreas de Medicina, Saúde Coletiva, Geriatria, Enfermagem e Psicologia, como já foi visto na dimensão das revistas científicas. Isto posto, a abordagem do luto quase que estritamente pela Psicologia, como atestada na concentração de artigos nesta disciplina e na centralidade da temática na produção, baseou a noção amplamente difundida de um processo psicológico e naturalizado, composto por fases e findado com a aceitação.

Com efeito, o enfoque histórico e social do luto foi minorizado tanto no recorte estabelecido neste trabalho, como no campo científico em geral, de acordo com Walter (1998). Nessa linha, as contribuições acerca das ritualísticas e representações fúnebres também foram secundárias no corpus da análise, na medida em que não figuraram nas nuvens de palavras. Entendemos que esta foi uma lacuna na produção de conhecimento recente sobre o universo da morte, tendo em vista que as Ciências Sociais historicamente abordaram as questões rituais. Ao que nos parece, os artigos com viés histórico, filosófico e social contemplaram outros temas, no caso das menções de história, imperador, século XIX, existencial, cuidado, necropolítica, violência e rede social.

Acerca dos referenciais centrais para literatura científica sobre a morte, dentre as 6.212 referências bibliográficas disponibilizadas, foram identificados os primeiros autores mencionados por dez publicações ou mais na TABELA 3. Alguns desses foram organizações relacionadas à administração, normatização e fiscalização em distintos níveis territoriais, tal qual Brasil, Organização Mundial da Saúde, Conselho Federal de Medicina e Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

TABELA 3 - REFERENCIAIS CENTRAIS POR NÚMERO DE PUBLICAÇÕES (CONTINUA)

Autores	N. de publicações
BRASIL	42
KOVÁCS, Maria Júlia	35
ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS)	32
FREUD, Sigmund	31
ARIÈS, Philippe	26

TABELA 3 - REFERENCIAIS CENTRAIS POR NÚMERO DE PUBLICAÇÕES (CONCLUSÃO)

FOUCAULT, Michel	19
BUTLER, Judith	18
MINAYO, Maria Cecília de Souza	18
KUBLER-ROSS, Elisabeth	17
PARKES, Colin Murray	15
MBEMBE, Achille	14
CONSELHO FEDERAL DE MEDICINA (CFM)	13
ELIAS, Norbert	13
MENEZES, Rachel Aisengart	12
BARDIN, Laurence	12
AZEREDO, Nara Selaimen G	11
FRANCO, Maria Helena Pereira	11
INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE)	11
PESSINI, Leocir	11
MAUSS, Marcel	10

FONTE: As autoras (2026).

Em aproximações da Psicologia e da Psiquiatria, foram notados autores como Maria Júlia Kovács, pesquisadora brasileira que abordou a morte e o luto na educação e na formação dos psicólogos em publicações como *Morte e desenvolvimento humano* (1992) e *Educação para a morte: temas e reflexões* (2003). Nessa linha, Elisabeth Kübler-Ross foi citada na questão do luto, em particular acerca das cinco fases identificadas na obra *Sobre a morte e o morrer* (1969); assim como Colin Murray Parkes e Maria Helena Pereira Franco, com trabalhos que focalizaram o luto e os vínculos sociais.

Na psicanálise, Sigmund Freud foi mencionado no tocante aos quadros de luto e de melancolia, abordados no ensaio *Luto e melancolia* de 1915. Quanto à filosofia, Michel Foucault foi citado a partir de vários escritos, dos quais aqueles a respeito da biopolítica e do biopoder estabeleceram relação mais direta com a problemática da morte. Ainda, Judith Butler foi abordada em relação à constituição dos sujeitos e às classificações diferenciais das vidas enquanto dignas de luto e proteção, no caso de obras como *Quadros de guerra: quando*

a vida é passível de luto? (2009). Próximo aos autores precedentes, Achille Mbembe foi referenciado acerca da necropolítica e das políticas de morte implicadas na macroestrutura operante nas nações colonizadas.

Para além, nas disciplinas histórica e sociológica, Philippe Ariès (2012) integrou o debate acadêmico com a noção de uma morte domada e socializada da Alta Idade Média que, através de transformações sociais graduais, foi convertida em uma morte selvagem e interdita na modernidade. Norbert Elias (2001) também foi inserido na teoria da transformação das atitudes diante da morte em correspondência ao estágio civilizatório, sendo caracterizado pela interdição da morte na atualidade. Por fim, Maria Cecília Minayo e Nara Selaimen Azeredo tiveram produções sobre a morte em contextos da formação, atuação e pesquisa de profissionais da saúde, tendo como exemplos os textos *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde* (1992) e *O enfrentamento da morte e do morrer na formação de acadêmicos de medicina* (2011) na devida ordem.

Dessa maneira, consideramos que os autores centrais e as respectivas afinidades disciplinares foram diversas, contando com a Psicologia, Psiquiatria, Filosofia, História, Sociologia e Antropologia. Enquanto as revistas científicas dessas últimas disciplinas não concentraram tantas publicações, as referências bibliográficas utilizadas pela produção intelectual analisada remeteram às Humanidades, que assim foram consideradas necessárias para a investigação a respeito da morte na generalidade. Mesmo com o entendimento de que a morte foi estudada levando em conta tal literatura, é importante que as Ciências Sociais tenham uma linha de pesquisa nesta temática em razão da abordagem enquanto questão sócio-histórico-cultural, imprescindível para a compreensão de fenômenos como a pandemia de COVID-19.

CONCLUSÃO

Este trabalho objetivou realizar uma revisão de literatura de abordagem bibliométrica acerca da literatura científica nacional sobre a morte, as ritualísticas fúnebres e o luto, publicada no período de 2019 a 2024 e indexada na área das Ciências Humanas no SciELO. Dentre 183 artigos científicos, foram analisados os anos de publicações, as revistas científicas e autorias, com as respectivas vinculações institucionais e geográficas; bem como os conteúdos tendo em conta os títulos, as palavras-chave e as referências bibliográficas. Dessa maneira, a temática não foi esgotada e poderia ser aprofundada contemplando maior extensão temporal, formação das autorias e metodologias de pesquisas empregadas.

Com base nos dados coletados, observamos que a produção de conhecimento sobre o universo da morte foi crescente e abordou o contexto da pandemia de COVID-19 durante o período de cobertura. Quanto aos periódicos, aqueles que mais abarcaram publicações foram associados a Psicologia, na área das Humanidades; e a Medicina, Saúde Coletiva e Geriatria, no caso dos veículos do campo das Ciências da Saúde. No tocante às autorias, verificamos um número elevado de pesquisadores que versaram sobre a temática, sendo que a maior parte dos artigos foi resultante de uma escrita colaborativa. Diante da vinculação institucional, notamos a concentração na região Sudeste nas dimensões das revistas e das autorias, associada com o avanço desigual da pós-graduação entre as localidades brasileiras.

Referente ao conteúdo das publicações, os termos mais frequentes foram relacionados a morte, mortalidade, luto, educação médica, bioética, pandemia de COVID-19 e população idosa. Também tendo em conta os periódicos mais proeminentes, o conhecimento científico recente tratou a morte e o luto como problemáticas do campo da Saúde, o que pode levar a disseminação de uma ideia naturalizada de construções sócio-histórica-culturais se as Ciências Humanas não se apropriarem da temática. A importância destas perspectivas foi reiterada na análise das referências-chave, na medida em que parte dessas perteceram a Filosofia, História e Ciências Sociais.

REFERÊNCIAS

- ARIÈS, Philippe. **História da morte no Ocidente: da Idade Média aos nossos dias**. Ed. especial. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.
- CABRAL, Thiago Luiz de Oliveira et al. A CAPES E SUAS SETE DÉCADAS: trajetória da Pós-Graduação stricto sensu no Brasil. **Revista Brasileira de Pós-Graduação**, v. 16, n. 36, p. 1-22, 2020.
- ELIAS, Norbert. **A solidão dos moribundos, seguido de envelhecer e morrer**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- FERNANDES, Maria Andréa et al. Cuidados paliativos e luto: um estudo bibliométrico. **Escola Anna Nery**, v. 20, n. 4, p. 1-9, out./dez. 2016.
- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. 4. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984.
- GRANT, Maria J.; BOOTH, Andrew. A typology of reviews: an analysis of 14 review types and associated methodologies. **Health Information and Libraries Journal**, v. 26, n. 2, p. 91-108, 2009.
- HOFFMANN-HOROCHOVSKI, Marisete Teresinha. **Memórias de morte e outras memórias: lembranças de velhos**. Curitiba: Editora UFPR, 2013.
- KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. O luto no Brasil no final do século XX. **Caderno CRH**, Salvador, v. 27, n. 72, p. 539-612, 2014.
- MARTINS, José de Souza (Org.). **A morte e os mortos na sociedade brasileira**. São Paulo: Editora Hucitec, 1983.
- MENEZES, Rachel Aisengart. **Em busca da boa morte: antropologia dos cuidados paliativos**. Rio de Janeiro: Garamond; FIOCRUZ, 2004.
- MENEZES, Rachel Aisengart; GOMES, Edlaine de Campos. “Seu funeral, sua escolha”: rituais fúnebres na contemporaneidade. **Revista de Antropologia**, São Paulo, v. 54, n. 1, 2011.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.); DESLANDES, Suely Ferreira; GOMES, Romeu. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Editora Vozes, 2016.

PAUL, Justin; CRIADO, Alex Rialp. The art of writing literature review: what do we know and what do we need to know? **International Business Review**, v. 29, n. 4, p. 1-7, jun. 2020.

VERAS, Lana; SOARES, Jorge Coelho. Aqui se jaz, aqui se paga: a mercantilização da morte. **Psicologia & Sociedade**, v. 28, n. 2, p. 226-236, 2016.

WALTER, Tony. A sociology of grief. **Mortality**, v. 3, n. 1, p. 83-87, 1998.

ZUPIC, Ivan; CATER, Tomaz. Bibliometric Methods in Management and Organization. **Organizational Research Methods**, v. 18, n. 3, p. 1-44, dez. 2014.